Em alerta devido a barragem, cidade convive com pânico

Em Barão de Cocais, em Minas Gerais, o risco de um desastre similar ao de Brumadinho é iminente

8 ABR 2019 **08h05** *atualizado às 09h39*

COMENTÁRIOS

Em Barão de Cocais, as sirenes de ambulâncias e viaturas da polícia estão proibidas. A recomendação é que esses veículos, mesmo em situação de emergência, façam o percurso em silêncio para não ativar o pânico nos moradores.

SAIBA MAIS

Planalto congela emendas de Bolsonaro

Após churrasco, Bolsonaro fala de Palmeiras, Vélez e Receita

Após um ano filiado, Joaquim Barbosa se reaproxima do PSB

Ibama ignora técnicos e libera petróleo perto de Abrolhos

Chances de Lula no STJ são remotas, afirmam juristas

Desde que a cidade mineira de 32 mil habitantes entrou em nível máximo de alerta devido ao risco iminente de colapso de uma barragem de rejeitos da Vale, qualquer ruído mais alto faz as pessoas na rua perguntarem umas às outras: "Será que a barragem rompeu?"

Ivanilde Coelho, 44 anos, não consegue mais dormir. A casa onde mora na parte urbana da cidade, às margens do rio São João, seria destruída em caso de rompimento. Hipertensa, ela diz estar em depressão e quer se mudar dali. "Não tem como viver assim, nesse medo, sem dormir, sem comer direito", diz no quintal

de sua casa, onde o pequeno salão de beleza praticamente não é mais visitado por clientes.

O filho dela, Matusalém, passa as noites monitorando o volume das águas do rio em companhia de vizinhos. A vigília informal acontece há dois meses, após o alarme ter soado na cidade pela primeira vez, em 8 de fevereiro. Fazia poucos dias que uma avalanche de rejeitos no complexo da Vale em Brumadinho havia deixado mais de 300 mortos.



Alerta permanem em Barã de Coca

Deutsche

Desde que foi obrigado a sair de sua casa de madrugada quando a sirene de alerta tocou, Adão vive em um quarto de hotel. A comunidade rural onde morava, Socorro, foi evacuada por completo.

Fundada há 300 anos, a vila está a menos de dois quilômetros da barragem problemática da Vale em Barão de Cocais, dentro da Zona de Autossalvamento, em que a responsabilidade do resgate é da mineradora. Em caso de rompimento, a comunidade seria atingida em seis minutos.

"Eu vivo triste. Lá em Socorro a gente plantava de tudo, tinha criação, andava tranquilamente. Aqui a gente não tem nada para fazer, fica o dia todo esperando algo acontecer, esperando a Vale dar alguma notícia", conta Adão, sentado no chão em frente ao hotel.

Ao todo, 454 pessoas da Zona de Autossalvamento foram retiradas de suas casas. Mais de 6 mil moram atualmente na chamada Zona de Segurança Secundária, faixa na parte central da cidade que seria afetada pelos rejeitos.

"A gente realmente não sabe. A gente não tem uma consultoria independente, tem que acreditar no que a Vale diz. Eu realmente acho que corremos perigo. Talvez não seja agora, mas as chances de rompimento são reais", responde o prefeito Décio Geraldo dos Santos sobre a seriedade da situação.

Vigilância e falta de planejamento

Dentro de uma sala de uma universidade próxima ao centro da cidade, representantes da Vale e da Defesa Civil acompanham as imagens geradas por três câmeras posicionadas na barragem que apresenta risco, chamada de Sul Superior, localizada na mina do Gongo Soco.

"A Defesa Civil trabalha num regime de plantão. Aumentamos a equipe pra atender a população e tirar dúvidas sobre os pontos que podem ser atingidos e as rotas de fuga", diz o coordenador José Flávio Rodrigues Junior.

Inativa desde 2008, a Sul Superior armazena 9 milhões de metros cúbicos de rejeitos, segundo a Defesa Civil. Com seu rompimento, uma barragem menor, com 1 milhão de metros cúbicos, também seria abalada. A mineradora afirma que não há funcionários no local. Questionada pela DW Brasil, a Vale não detalhou quais equipamentos usa para monitorar a estrutura - além das câmeras.

Com longo histórico de exploração de ouro, a retirada de minério de ferro no Gongo Soco começou no fim de 1980. Adquirida pela Vale em 2000, as atividades no local seguiram até 2016, quando o minério de ferro acabou.

A empresa também não respondeu se será possível restaurar as estruturas no local para

que a barragem volte a ser segura. Na avaliação de Carlos Barreira Martinez, pesquisador da UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais), essa operação custaria muito dinheiro à Vale.

"Eles devem propor que a barragem seja desmontada ao longo do tempo, gradualmente, com retirada da água do rejeito e depósito desse material em pilhas", avalia. O tempo de descomissionamento pode levar de três a cinco anos, segundo a estimativa de Martinez.

Um plano de fechamento da mina ainda é desconhecido. Quando recebeu autorização para explorar o minério em Barão de Cocais, a Vale não precisou apresentar qual solução daria depois que as atividades acabassem, segundo pesquisa científica publicada em 2008 pela Ufop (Universidade Federal de Ouro Preto).

Martinez se surpreende com o que considera uma "inabilidade enorme" da empresa. "Existe alguma coisa acontecendo lá que fez com que eles entrassem em pânico", pontua. "É estranho que a maior mineradora do mundo não saiba lidar com uma situação de risco", comenta sobre o cenário em Barão de Cocais, Macacos e Ouro Preto, cidades onde outras barragens da Vale também estão em nível máximo de alerta.

Medo e incerteza

Para os moradores de Barão de Cocais, faltam informações claras sobre a situação. Eles querem saber quais medidas estão sendo tomadas e por quanto tempo viverão em alerta permanente.

"É como um vulcão prestes a entrar em erupção. As pessoas estão doentes: depressão, hipertensão, síndrome do pânico. Mesmo as crianças que moram longe da área de inundação ficam preocupadas com os parentes que estão dentro da área da mancha", relata o prefeito.

No centro da cidade, que seria atingido por rejeitos, o comércio está mais vazio. "As pessoas têm medo de andar por aqui", comenta o dono de uma oficina mecânica. O promotor de Justiça Cláudio Daniel Fonseca de Almeida estuda como responsabilizar a Vale pelos impactos econômicos sentidos pelos moradores.

"Vamos propor o pagamento de um valor emergencial para a população inteira nos mesmos moldes de Brumadinho", explicou à DW Brasil. O promotor divide o tempo entre o atendimento à população e a organização da nova sede do Ministério Público - o órgão, assim como todo o Fórum Municipal, teve que abandonar o prédio oficial pelo risco trazido pela barragem.

Em frente à igreja matriz, que abriga obras de Aleijadinho, carros de som estão a postos dia e noite. Virão deles o aviso para que os moradores sigam a rota de fuga em caso de rompimento. Os motoristas contratados não sabem até quando estarão ali, de prontidão.

"Nossa cidade agora ficou marcada por causa dessa barragem. Ninguém mais quer vir aqui. O pior é pra gente que fica e não sabe se isso tudo um dia terá fim", diz um dos aposentados do grupo que frequenta diariamente o coreto em frente à matriz.